

LEITURA: ESSENCIAL PARA O INDIVÍDUO

ALMEIDA, Adelmice Vilela
del_vilella@yahoo.com.br

ARAÚJO, Grace Kelly Santana de
grace_ksa@hotmail.com

OLIVEIRA, Elissandra Silva
elyssandrasilva@hotmail.com

ARAUJO, Maria José de Azevedo (Orientadora)
Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe, Mestre em Educação
e Professora do Curso de Letras da Universidade Tiradentes
azevedo1956@bol.com.br

RESUMO

A leitura é de suma importância para a aprendizagem do ser humano, pois é através dela que podemos enriquecer nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Durante a leitura descobrimos um mundo novo, cheio de coisas desconhecidas. O hábito de ler deve ser estimulado na infância, para que o indivíduo aprenda desde pequeno que ler é algo importante e prazeroso, assim com certeza ele será um adulto culto, dinâmico e perspicaz. Produzir bons leitores é um desafio para a escola em todas as partes do mundo. Da escola primária à universidade, professores se queixam de que a maioria dos alunos lê mal e não sabe usar os livros para estudar. Pais, educadores e editores lamentam que o gosto pela leitura esteja desaparecendo. Esta pesquisa foi realizada usando a metodologia qualitativa, do tipo bibliográfica, sendo embasada por: Jolibert (1994); Lajolo (1994); Silva (2002), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, importância, vocabulário, escrita.

ABSTRACT

A The reading is extremely important for the study of human being, for it is through her that we can enrich our vocabulary, gain knowledge, boost the reasoning and interpretation. While reading discovered a new world, full of unknown things. The habit of reading should be nurtured in childhood, so that the individual learns from small to read is important and pleasurable, so of course he is an adult worship, dynamic and insightful. Produce good players is a challenge to school all over the world. From primary school to university, teachers complain that the majority of students read poorly and does not know how to use the books to study. Parents, educators and publishers complain that the taste for reading is disappearing. This research was conducted using qualitative methodology, type of literature, being based on: Jolibert (1994); Lajolo (1994); Silva (2002), among others.

KEY-WORDS: Reading, importance, vocabulary, writing.

INTRODUÇÃO:

Este trabalho que tem como título “Leitura: essencial para o indivíduo” discutirá a importância da leitura, pois, sabemos que um bom leitor não se faz por acaso. Quase sempre é formado na infância, antes mesmo de saber ler, através do contato com a literatura infantil e de experiências positivas no início da alfabetização. A leitura é um dos meios mais importantes para a obtenção de novas aprendizagens; possibilita a construção e o fortalecimento de idéias e ações.

Tendo como objetivo geral, incentivar ao indivíduo o hábito da leitura, pois, o leitor não deve apenas ter expectativas sobre o que o autor vai comunicar, mas deve principalmente ter uma razão para fazer a leitura. Os objetivos do leitor determinam suas estratégias de leitura e o ritmo que imprime à atividade. Dependendo daquilo que se busca (informação, distração, idéias novas ou confirmação de outras já conhecidas) a leitura é feita de modo diferente. Quando quer apenas localizar uma data, um nome, um número de telefone, uma informação precisa, a atenção do leitor pode ser eficientemente dirigida para a busca daquele único detalhe, descartando o que não interessa a seus objetivos imediatos.

Ler e escrever são atividades que se completam. Os bons leitores têm grandes chances de escrever bem, já que a leitura é que fornece a matéria-prima para a escrita. Quem lê mais tem um vocabulário mais rico e compreende melhor a estrutura gramatical e as normas ortográficas da Língua Portuguesa. Produzir bons leitores é um desafio para a escola em todas as partes do mundo. Do ensino fundamental à universidade, professores se queixam de que a maioria dos

alunos lê mal e não sabe usar os livros para estudar. Pais, educadores e editores lamentam que o gosto pela leitura esteja desaparecendo.

Quando se fala em leitura, questiona-se qual seria a sua principal função. Ensinar a falar e a escrever bem? Qual é a melhor idade para começar a ler? Quais os tipos de leitores? Com a elaboração desse artigo, desejamos aumentar o nosso conhecimento a respeito da leitura e desfrutar do conhecimento adquirido.

A sociedade atual caracteriza-se pela busca da informação, do conhecimento. A educação dos indivíduos precisa enfatizar a leitura como via de inclusão social e de melhoria para a sua formação. Percebe-se o processo de construção e reconstrução do conhecimento em espaços de disseminação de leitura como a escola e a biblioteca.

1- AS FASES DA LEITURA

“A educação do indivíduo só é possível através dos bens culturais cuja estrutura intelectual se ajusta plena ou parcialmente à estrutura do nível de desenvolvimento intelectual do indivíduo”. (Kerschensteiner, p.33, 2000)

Depois de se haver superestimado durante anos a importância das “idades de leitura” psicológicas, o ponto de vista que prevalece hoje em dia, por outro lado, subestima a tendência para ler livros típicos para determinadas idades. A análise dos registros de empréstimos de milhares de livros confirma, no entanto, a existência de tendências que prevalecem em fases de desenvolvimento, descontando-se, naturalmente, os casos isolados.

Precisamos tentar ser juntos com ambas as posições. Para os teóricos que trabalham com literatura infantil, cada professor deve fazer suas próprias observações e investigações, a fim de distinguir os desvios individuais de certos estudantes dos interesses “médios” de

leitura de uma fase de desenvolvimento. A interpretação dos “diários de leitura” ou do catálogo de empréstimos, em que os alunos avaliam o prazer que lhes proporcionou a leitura do livro por meio de número de 1 a 5, é o método mais fácil.

A seguinte caracterização das fases de leitura segue as definições de Schliebe-Lippert e A. Beinlich:

Idade dos livros de gravuras e dos versos infantis (de 2 a 5 ou 6 anos). Assim caracterizada por Beinlich: “Fase inicial integral-pessoal, egocêntrica”. A criança faz pouca distinção entre o mundo interior e o exterior; só experimenta o meio em que vive em relação a si mesma (idade do pensamento mágico). Durante seu desenvolvimento dá-se a separação entre o ego e o meio ambiente. Os livros de gravuras ajudam quando apresentam objetos simples, sozinhos, retirados do meio em que a criança vive. O passo seguinte consiste em agrupar objetos que costumam estar juntos e mostrar a criança relacionando-se com várias coisas do meio. A criança se interessa menos pela ação de enredo do que pelas cenas isoladas. Gosta dos versos infantis por causa do ritmo, da vigorosa força plástica das idéias, do ritmo do jogo com as palavras e seus sons.

O primeiro interesse pelo conhecimento fatural é satisfatório pelo mais simples dos livros de gravuras de não-ficção. Com os primeiros sinais de independência de desafio (4 anos de idade), “brincadeiras” independentes com livros de gravuras também são importantes para propósitos educacionais; *Idade do conto de fadas* (de 5 a 8 ou 9 anos). Caracterização de Beinlich: “Idade de leitura de realismo mágico”. Nessa fase do seu desenvolvimento a criança é essencialmente sustentável à fantasia. Isso é válido para todos os temas escolares, até para a geografia e a ciência.

No começo desse período a criança gosta principalmente de contos de fadas que representam um ambiente que lhe é familiar. Quanto menos se identifica com as personagens dos contos de fadas e mais as aprecia como brincadeiras de imaginação, mais ela irá preferir personagens e histórias de um mundo distante de maravilhas. O prazer que encontra no ritmo e nos versos e o amor da poesia continuam os mesmos; *Idade das histórias ambientais ou da leitura "fatual"* (de 9 a 12 anos). Assim caracterizada por Beinlich: "Construção de uma fachada prática, realista, ordenada racionalmente, diante de um pano de fundo mágico-aventuresco pseudo-realisticamente mascarado".

A criança começa a orientar-se no mundo concreto, objetivo. As perguntas "Como?" e "Por quê?" é cada vez mais freqüentemente acrescentado à pergunta "O quê?". A criança curiosa capta apaixonadamente as coisas do seu meio; claro está que essas coisas não devem ser oferecidas em descrições secas, e sim como histórias, como acontecimentos vivos. O interesse pelos contos de fadas e pelas sagas ainda é evidente nessa fase intermediária orientada para os fatos, mas também começa a surgir o anseio pelo aventuroso; *Idade da história de aventuras; realismo aventuroso ou a "fase de leitura não-psicológica orientada para o sensacionalismo"* (de 12 a 14 ou 15 anos). Durante os processos de desenvolvimento pré-adolescentes, a criança, pouco a pouco, toma consciência da própria personalidade, afrouxa ou desfaz elos anteriores (a segunda idade de independência e desafio). Esta é a idade em que predominam as demonstrações de agressividade e a formação de gangues. O interesse dos leitores pode ser despertado principalmente através de enredo, dos acontecimentos, do sensacionalismo. Em se tratando de meninas, a "criança rebelde" (Beinlich) surge freqüentemente em primeiro plano como interesse de leitura, bem como o sentimentalismo barato e a auto-adulação. Interesses gerais: livros de aventuras, romances sensacionais, livros de viagens, histórias ordinárias e de um sentimento barato; *Os anos de maturidade ou o "desenvolvimento da esfera estético-literária da leitura"* (de 14 a 17 anos). Descobrimento

do próprio mundo interior de egocentrismo crítico, desenvolvimento de um plano de vida, desenvolvimento de várias escalas de valores.

Além da trama, a forma e o conteúdo também são valorizados no material de leitura. O interesse pelo mundo exterior é substituído ou suplementado pela participação no mundo dos valores. Interesse de leitura: aventura de biografias, histórias de amor, atualidades. Literatura engajada, material atual que freqüentemente se relacione com preferências vocacionais.

1.1- Os tipos de leitores

As motivações para a leitura e os interesses por ela diferem não só para os vários grupos de idade, mas também para cada tipo particular de leitor. A tipologia se baseia nas técnicas de leitura, na intenção da leitura ou na preferência por determinada espécie de material de leitura. Pode ser considerada como um novo campo de pesquisa, cujas conclusões são importantes para a motivação e a formação de hábitos de leitura. C.S. Lewis, por exemplo, faz a diferença entre tipos de leitor literário e utilitário, e R.Escarpit entre os ‘conhecedores’ e os “consumidores”.

A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede. (Carlos Drummond de Andrade , p.18, 2001)

Ao aconselhar leitores, R. Bamberger enfatiza quatro tipos de leitor, baseado na natureza preferida de leitura: *O tipo romântico* – Preferência pelo mágico. Tipo especialmente conspícuo entre as idades de 9 a 11 anos, quando outras crianças são mais suscetíveis às histórias ambientais ou à não-ficção;

O tipo realista – Reconhecível, acima de tudo, pela rejeição do chamado livro fantástico – *Alice no país das maravilhas*, *As aventuras do barão de Münchhausen*, *Dom Quixote etc.*

Também está ausente o amor dos contos de fadas e das histórias de aventuras improváveis.

Esse tipo notabiliza-se particularmente com exceção da segunda e da quarta fase de leitura;

O tipo intelectual – Busca razões, quer ter tudo explicado, gosta de material instrutivo, procura a moral ou a vantagem prática de uma história. Prefere, portanto, a não-ficção e deseja aprender cedo. Destaca-se do leitor médio, sobretudo na quarta e quinta idade de leitura;

O tipo estético – Gosta do som das palavras, do ritmo e da rima. Predileção especial pela poesia gosta de decorar poemas, copia os “trechos bonitos” dos livros, relê com frequência. É raro, mas encontra-se em todos os grupos de idade. Está visto que esses tipos raramente aparecem em forma “pura”. No trabalho prático se encontram “tipos mistos” em que predomina uma ou outra tendência. O pioneiro das *jugendschriftenbewegung* (atividades no campo da literatura infantil) alemãs, Heinrich Wolgast, já se referia, em 1986, à importância dos tipos de leitor:

A educação faz com que as pessoas aprendam a ler, mas é incapaz de ensinar o que vale a pena ler. (George Trevelyan, p.11, 2005)

De acordo com Wolgast, poder-se-ia distinguir entre o leitor inclinado às maravilhas, aos disparates ou às aventuras, e o leitor realista ou esteta. Especialmente útil é uma diferenciação entre os leitores rápidos, lentos e oscilantes.

1.2- Principais tipos de leitura

Silenciosa – é a mais rápida, introspectiva e facilita a compreensão. O leitor não precisa explicitar a conexão entre os sinais gráficos e o significado. Este tipo de leitura vai ser o mais utilizado durante toda vida;

Oral – é menos rápida e compreende todas as operações que fazem parte da leitura silenciosa mais a produção de sons ou seqüências de sons em resposta ao estímulo visual. Há a preocupação com acentuação, pontuação e a entonação da voz, além da timidez do leitor-aprendiz.

Maneiras de fazer leitura oral:

Individual- deve ser feita após a leitura silenciosa e comentários pertinentes, se necessário. É preciso que o aluno esteja motivado; *Simultânea*- o professor lê e os alunos repetem; *Acompanhada*- um aluno lê e os outros repetem; *Isolada*- um aluno lê e os outros só ouvem (não possuem o texto). Este tipo de leitura deve ser adotado com cuidado especial para que a compreensão do texto não fique prejudicada. A leitura oral é mais expressiva, enquanto que a silenciosa é menos desgastante. *Intensiva*- é a leitura silenciosa ou oral de textos pequenos, atentando para todas as particularidades lingüísticas (gramaticais, estilo e vocabulário) que culmina com uma síntese incorporada ao saber do leitor. A prática de ensino recomenda que este tipo de leitura siga passos como: preparação, leitura, entendimento e aplicação;

Extensiva- é a leitura de um texto longo objetivando obter rapidez e compreensão simultaneamente. Esta leitura não deve ser interrompida para colocações, etc. e *Suplementar*- é a leitura de um grande texto ou um livro inteiro, objetivando apenas a compreensão. Neste tipo de leitura a escolha feita pelo leitor produz excelentes resultados.

Escrita e leitura não são mais do que as duas faces de um mesmo fato histórico, e a liberdade para qual o escritor nos convida, não é uma pura consciência abstrata de ser livre [...] casa livro propõe uma liberdade concreta a partir de uma alienação particular. (Ibidem, p.90-1, 2003)

Em qualquer tipo, é importante que ocorra a apresentação das palavras desconhecidas antes de qualquer leitura. Escrever é, em última análise, colocar idéias no papel de forma organizada. Ora, as idéias não surgem do nada; elas são fruto dos processos de comunicação dos quais participamos e das informações o que temos acesso vivenciando experiências, conversando (*“trocando idéias”*, como se diz popularmente) e lendo, lendo, lendo. Mas uma leitura sem compreensão não é leitura. Ler sem compreender é para na primeira etapa do processo, ou seja, na etapa da decodificação do sinal gráfico. Por isso, a leitura precisa ser atenta, inteligente, uma leitura em que haja interação entre o leitor e o texto lido, um atuando sobre o outro.

2- OS PAIS E O APRENDIZADO DA LEITURA DE SEUS FILHOS

Ao lado de alguns pais informados, disponíveis para as mudanças e de pais que confiam na escola como um meio de possível promoção para seus filhos, a maioria dos pais mostram-se angustiados entre a incerteza das perspectivas de futuro escolar e profissional de seus filhos, embaraçados e perplexos em relação aos *“métodos modernos”* para os quais não têm mais os critérios de seu próprio passado escolar, preocupados ante o que eles vivenciam amiúde como a tolerância excessiva dessa nova escola na qual *“as crianças só fazem o que querem”*, onde *“só brincam”*, etc.

E não é por acaso que o processo de aprendizado da leitura é um dos pontos de cristalização dessas preocupações: os pais sabem bem que o domínio do ler/escrever é um dos fatores determinantes do sucesso ou do fracasso escolar. Além disso, muitos são os que consideram como sendo ao mesmo tempo sua obrigação e seu prazer *“fazer ler”* seus filhos, à noite, em casa: se não existe mais nenhum manual de leitura para *“revisar os sons”* do dia,

reler o que foi visto de manhã na aula, o que há de ser feito então? Se não se lê mais em voz alta, sílaba após sílaba, como fazer? A pior das “soluções” consiste em comprar um manual e mandar as crianças, à noite, em casa, fazerem o contrário do que faz durante o dia na escola, ou seja, oralizar e silabar.

Paralelamente, é preciso reconhecer que os docentes que tentam transformar suas práticas às vezes não têm segurança e hesitam ao enfrentarem o que eles vivem primeiramente como sendo as críticas dos pais, adotando posturas tensas ou defensivas. Ora, que eles se refugiem em suas torres – sejam elas experimentais – não é do interesse nem das crianças, nem dos pais, nem dos próprios docentes, isso faz apenas com que as crianças fiquem presas. Além disso, os pedidos dos pais, mesmo quando expressos com agressividade, parecem-nos legítimos: eles não estão “metendo o nariz onde não devem”, estão é cumprindo seu papel de pais. Enfim, quando se vê o quanto uma colaboração, ainda que conflitante o que é normal, entre pais e docentes pode ajudar as crianças aprendizes-leitores, só podemos extrair disso a vontade deliberada e persistente de criar as condições de uma co-educação construtiva. A questão que fica é: o que podemos fazer com os pais para ajudarem as crianças na sua abordagem da leitura?

2.1- Pais Informados

Que os pais queiram entender “por que não se aprende mais a ler como antes” é legítimo. Nós lhe propomos vários tipos de encontros de trabalho. Em cada volta às aulas, uma apresentação global de nosso processo é feita nos próprios locais que levam nossa marca: distribuição da aula em cantos, primeiros objetos e primeiras divisões de tarefas afixadas na parede, primeiros escritos encontrados, etc. Falamos das estratégias de leitura que não passam nem pela oralização, nem pela decifração, tentamos ao máximo ser preciosos, sem recorrer ao

nosso jargão pedagógico, cuidamos para não monopolizar a palavra ao mesmo tempo em que permitimos que os pais reforcem seu poder de palavra através de intercâmbios entre si. Sabemos muito bem, porém (por tê-lo vivido nós mesmos), que nada é mais difícil do que entender a afirmação segundo a qual “aprender a ler não é aprender a decifrar”; por isso é que propomos aos pais que venham a nossas aulas verem como as crianças fazem para questionar um texto, emitir hipóteses, coletar indícios, confrontar, conferir. Essa sessão é seguida por uma entrevista informal com as crianças e por uma sessão de trabalho entre adultos sobre o que acaba de ter lugar. Para ir mais longe à compreensão do “o que é ler”, convidamos os pais a viverem, em seu nível de adultos, processos que lhes permitam tomar consciência de suas estratégias de leitura. Com a finalidade de mostrar também que “o novo método” não é uma loucura própria de nossa escola, convidamos aos nossos encontros pessoas de fora: colegas de outras escolas, bibliotecários, etc.. Utilizamos as montagens audiovisuais ou os filmes que possam ajudar a esclarecer a questão. É claro que a informação não é unilateral a cada dia temos a experiência de que pais informados fazem *docentes informados*: falam-nos com prazer das observações que fazem sobre as descobertas ou os bloqueios de seus filhos, de seu progresso dia após dia, nos interpelam com suas perguntas pertinentes, inesperadas, etc. Dão-nos sugestões de melhoras ou de atividades. Ousam. É nós os escutamos. Os pais dos anos anteriores nos ajudam: contam suas antigas angústias e suas descobertas com palavras e exemplos que falam melhor para os outros pais do que os nossos. Contam como seus filhos hoje gostam de ler e sabem ler. Eles tranquilizam e estimulam.

2.2- Pais Parceiros

Os pais são também nossos correspondentes privilegiados, nossos parceiros regulares enquanto destinatários dos escritos da aula ou da escola: cartas ou cartazes informativos,

convites, jornal escolar, pedidos de receitas, de material ou manuais de uso lhes são endereçados.

3- AS MOTIVAÇÕES QUE A LEITURA PODE NOS PROPORCIONAR?

Ela (a leitura) é liberdade, não é liberdade eu dá o ser ou o aprende, mas liberdade que acolhe, consente, diz sim, só pode dizer sim, e no espaço aberto por este sem deixa afirmar-se a decisão surpreendente da obra, a afirmação de que ela é – e nada mais. (Blanchot, op.cit., p. 258.)

Antes de tudo... Prazer: a leitura deve ser apresentada a todos como um elemento de prazer. Um livro lido com prazer deixará marcas afetivas, que acompanharão o leitor nas histórias que ele construirá com outros livros;

A ampliação do vocabulário é de nossa capacidade de expressão oral: a palavra é a grande matéria-prima da leitura; portanto quanto maior o contato com ela, mais intimidade teremos diante da produção de um texto escrito ou da exposição de alguma idéia;

A aproximação de culturas e realidades distantes: quando abrimos um livro, temos a possibilidade de encontrar personagens e costumes diferentes, favorecendo comparações e reforçando nossa identidade. O desenvolvimento da sensibilidade: a literatura permite ao leitor falar pela voz dos personagens. Ela possibilita que ele se projete em algumas situações e até mesmo solucione conflitos;

A ampliação das leituras de mundo: o acesso a diversas leituras permite ao sujeito leitor ter contato com diferentes pontos de vista, refletir sobre seus valores e descobrir que a leitura está em tudo que nos rodeia, sobretudo nas manifestações artísticas (teatros, cinemas, museus, etc.)

4- O QUE FAZER PARA AJUDAR A FORMAR LEITORES

4.1- Na escola

Ter sempre um espaço para leituras sem cobranças escolares: tire um momento do dia para apresentar a leitura da literatura ao seu aluno sem exigir dele nenhuma pergunta ou regra gramatical;

Criar situações para provocar a criatividade e a produção escrita: aproveite o envolvimento que seu aluno vai apresentar nos momentos de leitura gratuita e invista em concursos ou gincanas literárias.

4.2- Em casa

Contar histórias mesmo antes de a criança estar alfabetizada: experimente acrescentar personagens em diversos momentos do dia da criança. Seja no almoço, no banho ou na hora de dormir, é muito importante que a fantasia e a imaginação façam parte do dia-a-dia; Acompanhar de perto o processo da alfabetização: quando chegar a hora de entrar em contato formalmente com as letras, é fundamental que o adulto esteja muito perto. Descobrir esse universo é fascinante, mas um tanto assustador também.

Portanto, deixe que ele perceba que pode contar com você nessa nova estrada; Lembrar que, mesmo depois de alfabetizado, a criança continua precisando dividir leituras: nunca pense que, já que aprendeu ler, a criança não solicitará mais a sua ajuda ou que já tem autonomia suficiente para realizar as descobertas da língua sozinha. E lembre-se que estar perto não é fazer cobranças desmedidas, nem estabelecer metas inatingíveis que transformem em frustração; Frequentar bibliotecas: encaixem em sua agenda essas visitas e você vai perceber que existem programações interessantes acontecendo bem perto de você e que seu

filho vai gostar muito. Além do que será importante para sua formação de leitor fazer sua carteira e retirar livros;

Frequentar livrarias e visitar bancas de revistas: entrar em contato com espaços de vendas de material de leitura possibilitará ao seu filho o exercício da escolha. Folhear um livro ou uma revista, gostar, não gostar, querer adquirir, optar por outro... Tudo isso faz parte de sua construção crítica; Ir a cinemas, teatros e museus: não deixe de verificar as programações que existem para crianças e jovens. Se desde cedo eles tiverem contato com diferentes manifestações artísticas poderão também fazer diferentes formas de leitura. Não esqueça que todas elas partem de um texto e que vai ser bom que eles conheçam as diversas opções que existem; Criar situações prazerosas e divertidas para promover leituras entre os colegas do bairro, da escola, da família: essa idéia poderá render muitos brigadeiros! Reúna os colegas de seu filho para uma brincadeira diferente a brincadeira com os livros. Experimente promover em casa um “chá literário”, onde haja um troca-troca de livros e de cotação de histórias. Ao final, além de muito lanche, o grupo terá entrado em contato com autores e histórias diferentes.

4.3- Nas comunidades

Existem pessoas interessadas em investir na cultura local e no crescimento da população. Elas poderão auxiliar no acesso as famílias, na divulgação do projeto e na sua implantação;

Capacitar professores locais para participarem desse movimento: é muito importante identificar os professores que atuam na comunidade. Contar com a participação deles é fundamental para envolver crianças e adolescentes e para levar para dentro da sala de aula a semente da literatura;

Promover concursos literários: experimente criar momentos de escrita! Para isso, nada melhor do que uma situação onde se possam premiar os melhores textos. Os temas escolhidos para essa competição poderão ser dos mais diversos: a histórias do nome de sua comunidade ou bairro; história recolhidas dos moradores mais antigos etc. Com isso, a valorização local ficará em evidência e os participantes vão reconhecer na escrita uma forma de expressão importante no exercício de sua cidadania;

Identificar parceiros para promover uma campanha de doação de livros: tanto para doar livros, quanto para promover situações de promoção de leitura, localize possíveis patrocinadores. As pessoas que possuem comércios no local se sentirão prestigiados em colaborar com uma causa que trará frutos para sua comunidade; Identificar a cultura local e os talentos que podem ser trabalhados na área artística: por último, não podemos nunca esquecer que literatura é arte e, como arte, ela poderá somar forças com outras artes, como a música, o cinema. Tenho certeza que, em sua comunidade, existem pessoas que são envolvidas com alguma dessas áreas e que estarão dispostas a fazer parte de um projeto como esse. Convoque essas pessoas, troque idéias. Pequenos projetos, de repente, viram gigantes em sua repercussão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que a leitura favorece a remoção de barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo.

Os livros, portanto, não têm importância menor hoje do que tiveram no passado, mas ao contrário. São os que têm sido há séculos: portadores do conhecimento de uma geração

para outra (e dificilmente poderão ser ultrapassados por qualquer outro meio de transmissão das descobertas intelectuais).

Para os Jovens leitores, os bons livros correspondem as suas necessidades internas de modelos e ideais, de amor, segurança e convicção. Ajudam a dominar os problemas éticos, morais e sociopolíticos da vida, proporcionando-lhes casos exemplares, auxiliando na formulação de perguntas e respostas correspondentes (e a pergunta é por si mesma, uma forma básica de confrontação intelectual).

Para nós, futuros profissionais em letras, os livros servem para nos auxiliar na tarefa de atingirmos nossas metas educacionais, desenvolvendo a personalidade dos jovens, ajudando-os a estabelecer um contexto global do mundo. Por fim, uma vez que o sujeito descobrir na leitura, ele saberá aquilo que deseja e o que não deseja e poderá ser um grande transformador do seu entorno de maneira crítica e consciente.

REFERÊNCIAS

- GAGLIARE, Luiz Carlos. **“Alfabetização e Linguística”**, São Paulo, Scipione, 1998.
- PGANINI, Márcia. **“A escola é nossa”**, Scipione, 2003.
- SMITH, Frank, **“Leitura Significativa”** Trad. Beatriz Affonso NEVES – 3º Ed. – Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. 1948 – **“Elementos de pedagogia da leitura”** – 3º Ed. – São Paulo: Martins FONTES, 1998.
- **Formando Crianças Leitoras** / Cord. Josette Jolebert; trad. Bruno C. Magne – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **“A produção da leitura na escola”** – 2º Ed. – Editora Ática – 2002.
- CELIS, Glória Inostroza de. **“Aprender a formar crianças leitoras e escritoras”** – Trad. Jussara Haubert Rodrigues. – Porto Alegre: ARTES médicas, 1998.